

Brasil deu tudo sem garantias, diz Abílio Diniz

O Brasil "deu tudo em troca da simples rolagem de dívida externa, sem que nos garantissem, sequer, a possibilidade de renegociação a longo prazo" — afirma o empresário Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, criticando o alto custo social e econômico acarretado pela aceitação incondicional das regras do Fundo Monetário Internacional — FMI.

Para ele, os credores não precisavam fazer qualquer concessão importante, "na medida em que aceitamos, passivamente, suas proposições, como pode ser visto nas sucessivas cartas de intenções que assinamos, sem que ao menos tivéssemos a segurança de poder cumpri-las".

Para Abílio Diniz, o reajustamento da economia brasileira poderia ter sido feito sem o prejuízo da capacidade produtiva interna, mediante uma melhor aceleração da substituição de importações e, sobretudo, um substancial aumento na produção de alimentos, além de uma melhor reorientação dos investimentos internos, que poderiam muito bem ter sido feitos "sem que isso viesse a ter o caráter de recessão generalizadas".

Ele lembra que, decorridos três anos de recessão, os resultados colhidos até agora foram insuficientes. Fora os sucessos alcançados pelo governo com maior produção interna de petróleo e com a redução do déficit fiscal, "temos hoje — assinala Diniz — uma estrutura produtiva enfraquecida, o que é agravado por uma demanda interna em recessão, com a queda dos salários reais, e uma agricultura descapitalizada, incapaz de fornecer uma oferta suficiente de produtos agrícolas, a fim de reduzir a pressão altista dos alimentos sobre a inflação".

Para Diniz, até mesmo o crescimento das exportações brasileiras precisa ser melhor avaliado. Em sua opinião, o atual desempenho das exportações brasileiras dever ser atribuído, até o momento, ao excepcional crescimento das exportações para os Estados Unidos, que superam em mais de 70% o volume de comércio mantido pelo Brasil com os norte-americanos em igual período do ano passado.

"Contudo, observa Abílio Diniz — é preciso não esquecer que para financiar seu déficit comercial, os Estados Unidos precisarão atrair novos capitais mediante uma melhor remuneração aos aplicadores, o que gerará, como já está gerando, uma elevação das taxas de juros no mercado financeiro norte-americano. "Nesse sentido, afirma a elevação das taxas de juros anularia, em parte, o sucesso das exportações brasileiras por produzir impactos diretos sobre o serviço da dívida externa.

Por esta razão, Abílio Diniz considera bastante louvável a posição recentemente assumida pelo Brasil, México, Colômbia e Argentina, ao divulgarem um comunicado conjunto pedindo uma política nova para os países endividados. "O entendimento da perspectiva política — diz — nos processos de renegociação da dívida externa desses países e a necessidade de uma ação conjunta são um passo fundamental para o reequacionamento da questão externa.